

PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS
UM MANIFESTO



CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE
Tradução de Denise Bottmann

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Chimamanda Ngozi Adichie
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original Dear Ijeawe, or A Feminist Manifesto
in Fifteen Suggestions

Capa e projeto gráfico Claudia Espínola de Carvalho

Foto da autora Ivira Esege

Revisão Ana Luiza Couto e Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adichie, Chimamanda Ngozi

Para educar crianças feministas: um manifesto /
Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Denise Bottmann.
— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Título original: Dear Ijeawe, or A Feminist
Manifesto in Fifteen Suggestions
ISBN 978-85-359-2851-8

1. Crianças – Educação 2. Feminismo 3. Manifesto I.
Bottmann, Denise II. Título.

17-00578

CDD-305.23

Índice para catálogo sistemático:

1. Crianças: Feminismo: Sociologia

305.23

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

INTRODUÇÃO

HÁ ALGUNS ANOS, quando uma amiga de infância — que cresceu e se tornou uma mulher bondosa, forte e inteligente — me perguntou o que devia fazer para criar sua filha como feminista, minha primeira reação foi pensar que eu não sabia.

Parecia uma tarefa imensa.

Mas, como eu me manifestara publicamente sobre o feminismo, talvez ela achasse que eu era uma especialista no assunto. Ao longo dos anos, eu havia cuidado de muitos filhos de pessoas próximas, tinha si-

do baby-sitter e ajudado a criar sobrinhos e sobrinhas. Havia observado muito, ouvido muito e pensado ainda mais.

Em resposta ao pedido de minha amiga, resolvi lhe escrever uma carta, na esperança de que fosse algo prático e sincero, e também que servisse como uma espécie de mapa de minhas próprias reflexões feministas. Este livro é uma versão da carta, com algumas pequenas alterações.

Agora eu também sou mãe de uma menininha encantadora e percebo como é fácil dar conselhos para os outros criarem seus filhos, sem enfrentar na pele essa realidade tremendamente complexa.

Ainda assim, penso que é moralmente urgente termos conversas honestas sobre outras maneiras de criar nossos filhos, na tentativa de preparar um mundo mais justo para mulheres e homens.

Minha amiga respondeu dizendo que iria “tentar” seguir minhas sugestões. E, ao relê-las agora como mãe, eu também estou decidida a tentar.



PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS

UM MANIFESTO

QUERIDA IJEWELE,

Que alegria! E que lindo nome: Chizalum Adaora. Ela é linda. Tem só uma semana e já mostra curiosidade pelo mundo. Que coisa maravilhosa você fez, trazer um ser humano ao mundo. “Parabéns” parece tão pouco. Sua mensagem me fez chorar. Você sabe como às vezes fico boba e emotiva. Por favor, saiba que levo sua tarefa — pensar como criá-la como feminista — muito a sério. E entendo o que você quer

dizer quando fala que nem sempre sabe qual deve ser a reação feminista a certas situações. Para mim, o feminismo é sempre uma questão de contexto. Não tenho nenhuma regra. A coisa mais próxima disso são minhas duas “Ferramentas Feministas”, que vou dividir com você como ponto de partida.

A primeira é a nossa premissa, a convicção firme e inabalável da qual partimos. Que premissa é essa? Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final.

A segunda ferramenta é uma pergunta: a gente pode inverter X e ter os mesmos resultados?

Por exemplo: muita gente acredita que, diante da infidelidade do marido, a reação feminista de uma mulher deveria ser deixá-

-lo. Mas acho que ficar também pode ser uma escolha feminista, dependendo do contexto. Se o Chudi dorme com outra mulher e você o perdoa, será que a mesma coisa aconteceria se você dormisse com outro homem? Se a resposta for “sim”, então sua decisão de perdoá-lo pode ser uma escolha feminista, porque não é moldada pela desigualdade de gênero. Infelizmente, a verdade é que, na maioria dos casamentos, a resposta a essa pergunta em geral seria negativa por uma questão de gênero — aquela ideia absurda de que “os homens são assim”, o que significa que os padrões para eles são mais baixos.

Tenho algumas sugestões para a criação de Chizalum. Mas lembre-se de que você pode fazer tudo o que eu disser e apesar disso ela pode sair muito diferente do que você queria, porque às vezes a vida é assim.

O importante é tentar. E sempre confie em seus instintos mais do que em qualquer outra coisa, porque é o amor por sua filha que lhe servirá de guia.

Aí vão minhas sugestões:



1. PRIMEIRA SUGESTÃO: Seja uma pessoa completa. A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas pela maternidade. Seja uma pessoa completa. Vai ser bom para sua filha. Marlene Sanders, a pioneira jornalista americana, a primeira mulher a ser correspondente na Guerra do Vietnã (e ela mesma mãe de um menino), uma vez deu este conselho a uma jornalista mais jovem: “Nunca se desculpe por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que você dá à sua filha”.

Acho isso sábio e comovente. Nem precisa gostar do seu trabalho. Você pode apenas gostar do que seu emprego faz por você — a confiança e o sentimento de realização que acompanham o ato de fazer e de receber por isso.

Não me surpreende que sua cunhada diga que você deve ser uma mãe “tradicional” e ficar em casa, que Chudi não precisa de outra fonte de renda para sustentar a família. As pessoas vão usar a “tradição” seletivamente para justificar qualquer coisa. Diga-lhe que uma família com dupla fonte de renda constitui a verdadeira tradição igbo, não só porque as mães plantavam e comercializavam antes do colonialismo britânico, mas também porque o comércio era uma atividade exclusivamente feminina em algumas partes da Igbolândia. Ela saberia disso se ler não fosse uma atividade tão es-

tranha a ela. O.k., essa alfinetada foi para te animar um pouco. Sei que você está aborrecida — e com razão —, mas o melhor é ignorá-la. Todo mundo vai dar palpites, dizendo o que você deve fazer, mas o que importa é o que você quer, e não o que os outros querem que você queira. Por favor, não acredite na ideia de que maternidade e trabalho são mutuamente excludentes.

Nossas mães trabalharam em tempo integral enquanto crescíamos, e nos saímos bem — pelo menos você; quanto a mim, o júri ainda está deliberando.

Nas próximas semanas desse início de maternidade, seja boa com você mesma. Peça ajuda. Espere ajuda. Isso de Supermulher não existe. Criar os filhos é questão de prática — e de amor. (Mas eu realmente gostaria que não tivesse virado o verbo em inglês *parent*, coisa que julgo estar na raiz

do fenômeno global de classe média do *parenting* como uma interminável jornada aflita e cheia de sentimento de culpa.)

Permita-se falhar. Uma mãe de primeira viagem nem sempre sabe como acalmar o bebê que está chorando. Não ache que precisa saber tudo. Leia livros, procure coisas na internet, pergunte a mães e pais mais velhos ou, simplesmente, vá por tentativa e erro. Mas, acima de tudo, concentre-se em continuar uma pessoa completa. Tire um tempo para si mesma. Atenda a suas necessidades pessoais.

Por favor, não pense nisso como “dar conta de tudo”. Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento. Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse

debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente. O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar.



2. SEGUNDA SUGESTÃO: Façam juntos. Lembra que aprendemos no primário que verbos são palavras “de ação”? Bom, pai é verbo tanto quanto mãe. Chudi deve fazer tudo o que a biologia permite — ou seja, tudo, menos amamentar. Às vezes, as mães, tão condicionadas a ser tudo e a fazer tudo, são cúmplices na redução do papel dos pais. Você pode achar que Chudi não vai

dar banho nela do jeito que você gostaria, que talvez ele não enxugue o bumbum dela com o cuidado que você teria. E daí? Qual é o máximo que pode acontecer? Ela não vai morrer nas mãos do pai por causa disso. É sério. Ele a ama. É bom para ela ser cuidada pelo pai. Então, relaxe, esqueça seu perfeccionismo, deixe de lado seu senso socialmente condicionado de dever. Dividam igualmente a criação. “Igualmente” depende, claro, de ambos, e vocês vão dar um jeito nisso, prestando atenção às necessidades de cada um. Não precisa ser uma divisão literalmente meio a meio, ou um dia você, um dia ele, mas você vai saber se estão dividindo igualmente. Vai saber por não se sentir ressentida. Porque quando há igualdade não existe ressentimento.

E, por favor, abandone a linguagem da ajuda. Chudi não está “ajudando” você ao

cuidar da filha dele. Está fazendo o que deveria fazer. Ao dizermos que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar. Não é. Você consegue imaginar quantas pessoas seriam hoje mais felizes, mais equilibradas e contribuiriam mais com o mundo se os pais tivessem tido presença ativa durante a infância delas? E nunca diga que Chudi está de “babá” — quem trabalha como babá não vê o bebê como sua principal responsabilidade.

Chudi não merece nenhum elogio ou gratidão especial, nem você — ambos escolheram pôr uma criança no mundo, e ambos têm igual responsabilidade por essa criança. Seria diferente se você fosse mãe solo, por escolha ou pelas circunstâncias, pois aí não teria a opção de “fazer juntos”.

Mas você não deve ser “mãe solo”, isto é, fazer as coisas sozinha, a menos que seja realmente mãe solo.

Certa vez, meu amigo Nwabu me contou que a esposa o deixou quando os filhos eram pequenos e por isso ele virou “Pãe”, querendo dizer que era ele quem cuidava da criação deles no dia a dia. Mas ele não estava sendo “Pãe”; estava apenas sendo pai.



3. TERCEIRA SUGESTÃO: Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina”.

“Porque você é menina” nunca é razão para nada. Jamais.

Lembro que me diziam quando era criança para “varrer direito, como uma menina”. O que significava que varrer tinha a